

## HISTÓRIA

# O pensamento liberal no Brasil

São relançadas biografias de Gudin, Mario Henrique Simonsen e Bulhões Pedreira, que ajudaram a moldar o capitalismo no país. Por **Oscar Pilagallo**, para o Valor, de São Paulo

Intelectuais dedicados à vida pública, Eugênio Gudin (1886-1986), Mario Henrique Simonsen (1935-1997) e José Luiz Bulhões Pedreira (1925-2006), representantes da quintessência do pensamento liberal no Brasil, estiveram quase sempre próximos das esferas do poder na segunda metade do século passado, ajudando a moldar o capitalismo no país, embora a força de seus argumentos nem sempre tenha prevalecido. Eis aí a unidade que justifica a reedição de obras biográficas recentes sobre os personagens, agora acondicionadas num estojó. Trata-se de um iniciativa editorial útil, apesar de dois problemas.

O primeiro, menos grave, é o critério obscuro para a escolha da trinca. Não que haja dúvidas sobre seus múltiplos talentos, mas por que deixar de fora, por exemplo, Roberto Campos ou Octávio Gouvêa de Bulhões, nomes que nada ficam a dever aos abordados? Se a ideia, como anuncia o projeto, era lembrar os "cem anos da modernização do Estado brasileiro" (aliás, a efeméride não é explicitada), então os dois preteridos são igualmente relevantes, tanto que estão entre os mais citados.

O segundo problema, que incomoda mais, é o tom laudatório dos textos. A celebração, o enaltecimento, a adjectivação superlativa não contribuem para o entendimento da obra legada. Faltou diversidade de perspectiva, os entrevistados são quase

todos devotos admiradores dos protagonistas. Em maio à aquiescência, a exposição de conceitos perde o contraste, o que não faz justiça intelectual aos pensadores.

Dito isso, são livros que têm o mérito de mapear boa parte da trajetória do pensamento conservador no Brasil. "Gudin" (editado anteriormente com o título de "Inventário de Flores e Espinhos") conta a história do patriarca dessa corrente. Gudin tornou-se conhecido em 1943, ao se envolver numa polémica com Roberto Simonsen. Em pauta, a necessidade de criação de um banco central. Simonsen defendia um projeto desenvolvimentista; Gudin queria uma instituição que apenas garantisse a liquidez do sistema bancário.

Mais tarde, nos estertores do Estado Novo, os dois voltaram a se enfrentar quando, em debate estimulado por Getúlio Vargas, Simonsen defendeu um modelo intervencionista e Gudin argumentou a favor do liberalismo. Para Márcio Scalercio e Rodrigo de Almeida, embora este tenha sido mais convincente, aquele, na prática, foi mais ouvido.

A única experiência de Gudin no governo seria curta. Por sete meses, foi ministro da Fazenda de Café Filho, o presidente que assumiu o restante do mandato de Vargas em 1954 com uma equipe oriunda em grande parte da conservadora UDN. Antes de pedir demissão, alegando não poder aplicar seu ideário, teve tempo para aprovar uma medida que facilitou

tou a entrada do capital estrangeiro, o que lhe valeria a etiqueta de "entreguista".

Elitista na vida pessoal, marcada pela ascendência francesa nobre, Gudin foi conservador também na política e admitia a falta de vocação para a democracia. Apoiou o golpe de 64, sobretudo pelas reformas liberais dos primeiros anos, e só passou a criticar o regime devido ao seu viés estatizante posterior.

"Bulhões Pedreira" traça o perfil do advogado que, sem alarde, ajudou a construir os alicerces jurídicos das instituições capitalistas no Brasil. É dele, por exemplo, em parceria com Alfredo Lamy Filho, o anteprojeto de 1976 que deu origem à Lei das S/A, considerado um pilar do plano do governo de Ernesto Geisel de reestruturar o mercado de capitais. O plano, sob responsabilidade do ministro da Fazenda, Mário Henrique Simonsen, também criaria a CVM (Comissão de Valores Mobiliários).

O livro peca ao tentar revestir o personagem com uma improvável aura de isenção, como se ele pairasse acima de divergências. Podia fazer isso num nível pessoal, pois avesso ao calor do debate, mas é difícil sustentar, como fazem os autores, que "entre uma ideologia e outra, ele optava por nenhuma". Maria da Conceição Tavares, que pontifica no campo progressista, é citada como evidência da neutralidade de Bulhões, pois o considerava o único conservador com quem se dava bem. Mas a avaliação, claro, vale apenas para a relação pessoal.

Talvez o melhor capítulo seja o que trata de seu papel no Plano Real. Os autores tratam o caso como um "pequeno segredo". É exagero. Fernando Henrique Cardoso, em suas memórias, dá o devido crédito a Bulhões, referindo-se à sua ajuda "inestimável". Maria Clara R. M. do Prado, em sua "A Real História do Real", detalha sua contribuição.

De qualquer maneira, segredo ou não, vale o registro. "O jurista integrou a equipe de mestres cooptados pelos artífices do plano para a caçada ao DNA jurídico da URV (Unidade Real do Valor), que fez a diferença na transição entre uma moeda carcomida pela inflação e a moeda nova", dizem os autores. E concluem: "Na prática, Bulhões Pedreira ajudou a desconstruir a correção monetária, criada por ele mesmo durante as reformas econômicas do governo de Castello Branco".

A chave para resolver a questão foi consi-

derar a URV "uma moeda com curso legal sem poder libertatório", ou seja, uma moeda de verdade, mas que não circula como meio de pagamento. Animado, Gustavo Franco, um dos pais do Real, teria repetido a frase três vezes, ao perceber que ela encerrava uma concepção que "deflagraria os caminhos definitivos do Plano Real".

"Mario", por fim, é o mais irregular dos três volumes, por causa de sua natureza, uma sequência de depoimentos de pessoas que conviveram com o homem que, depois de Delfim Neto, foi o mais influente do regime militar na área econômica, tendo servido como ministro a Geisel e João Baptista Figueiredo.

Entre os mais interessantes estão os de Maria da Conceição Tavares e o do próprio Delfim. O primeiro resgata a juventude de Simonsen, um período menos conhecido de sua vida. "Até 1964, Mario não era de di-

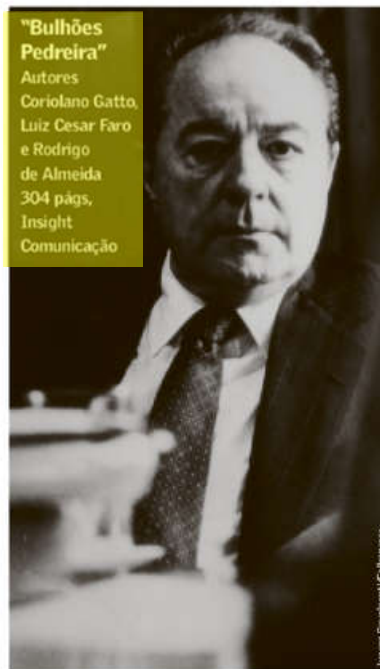
reita. Éramos todos da mesma patota", escreve. As divergências começaram com o primeiro plano econômico dos militares, "que não tinha uma linha escrita sobre o desenvolvimento, era totalmente ortodoxo".

O texto enverada por temas pessoais e ela conta que, em 1975, foi Simonsen quem, ao acionar Geisel, a tirou da prisão do Dops. "Eu devo ao Mario ter conseguido sair com vida da prisão." Quanto a Delfim, aproveita o espaço para fazer "correção histórica": eles nunca foram "inimigos fígados", garante. "Discordamos, é bem verdade, mas sempre com alegria."

Com o auxílio de colaboradores assim, o volume ganha a pluralidade que faltou no conjunto da trilogia.

Oscar Pilagallo é jornalista e autor de "História da Imprensa Paulista" (Três Estrelas) ■

## Liberais notáveis



**"Bulhões Pedreira"**  
Autores  
Coriolano Gatto,  
Luiz Cesar Faro  
e Rodrigo  
de Almeida  
304 págs,  
Insight  
Comunicação



**"Mario"**  
Vários autores  
(coordenação:  
Luiz Cesar Faro e  
Coriolano Gatto)  
252 págs, Insight  
Comunicação



**"Gudin"**  
Autores  
Márcio Scalercio  
e Rodrigo de  
Almeida  
324 págs,  
Insight  
Comunicação